

A FORMAÇÃO DO LEITOR: ENTRE TEXTOS E HIPERTEXTOS

Regina L. Péret Dell'ISOLA
UFMG

Resumo

Este artigo é um convite para uma reflexão sobre a *leitura* na sociedade brasileira. Esse tema vincula-se a uma série de avanços tecnológicos que potencializam inúmeras mudanças em relação à forma com que as pessoas lêem o mundo. Ao serem considerados o texto impresso, as novas tecnologias e a geração de inferências durante leitura de textos e hipertextos, coloca-se em foco a importância da formação do leitor e o problema da falta de letramento da população. A maior preocupação concentra-se nos brasileiros que, apesar de alfabetizados, não são letrados. Apesar do decréscimo de analfabetismo no país, ainda é grande a quantidade de analfabetos funcionais – pessoas que aprenderam a ler, escrever e fazer contas, mas não conseguem usar isso no dia-a-dia. Os livros assim como os computadores são invenções tecnológicas e nossos alunos devem ser preparados para ler essas unidades de significação que instauram um espaço de interlocução. Consta-se que é preciso investir na qualidade da leitura dos nossos alunos. Neste trabalho, defende-se a idéia de que o estímulo à produção de inferências durante a leitura, tanto de textos quanto de hipertextos, é o melhor investimento para o Brasil se tornar uma nação letrada.

Palavras chave: leitura, inferência, formação do leitor, letramento, texto, hipertexto.

Summary

This article is an invitation for reflection on reading in the Brazilian society. This theme is related to a series of technological advancements that make possible innumerable changes with respect to the way people read the world. Taken into consideration the printed text, new technologies and the generation of inferences during the reading of texts and hypertexts, focus is placed upon the importance of the formation of the reader and the lack of literacy among the population. The greatest concern is those Brazilians who, although they can read and write, are still illiterate. Despite the decreasing illiteracy figures in the country, the number of functional illiterate citizens is still high – people who have learned how to read and write and count but who do not use these skills in their day to day lives. Books, as well as computers, are technological inventions and our students must be prepared to read these units of signification that create a space of interlocution.

It is necessary to invest on the quality of reading of our students. In this paper, the author defends the idea that stimulus to the production of inferences during reading, both of books and of hypertexts, is the best investment for Brazil to become a matter of fact literate nation.

Key words: reading, inference, readers' formation, literacy, text, hypertext.

A FORMAÇÃO DO LEITOR: ENTRE TEXTOS E HIPERTEXTOS

Regina L. Péret Dell'ISOLA
UFMG

Introdução

Hoje vivemos imersos em uma sociedade informatizada onde as atenções se voltam para o uso do computador como equipamento essencial em quase todos os espaços e segmentos sociais. De um lado, a sociedade brasileira ainda enfrenta problemas não só relativos ao grande número de analfabetos, excluídos do mundo da leitura, mas também problemas relativos àqueles brasileiros que foram alfabetizados mas não sabem ler. De outro, a informática, que ocupou seu espaço na sociedade brasileira e vem ampliando seu espaço na educação, traz vários avanços mas também um novo problema: o da exclusão do analfabeto digital. Este trabalho é um convite a todos a refletirem sobre o tema *leitura* na sociedade brasileira e focaliza o texto impresso, as novas tecnologias e a geração de inferências durante leitura de textos e hipertextos.

1. Leitura: novos dados e velhos problemas

O tema leitura vincula-se a uma série de avanços tecnológicos que potencializam inúmeras mudanças em relação à forma com que as pessoas lêem o mundo, isto é, atualmente, ler envolve novas formas de o leitor se representar no mundo e de interagir com o mundo. Não apenas o texto impresso, mas também o texto digitalizado se encontram disponíveis como meios de divulgação de informação e de aquisição de conhecimento. A revolução digital trouxe o hipertexto, um formato de texto, talvez, impensável para os que nasceram há pouco mais de 50 anos.

Nessa época, não tão distante, não se ouvia falar de *inputs*, *cdrom*, multimídia, *fax-modem*, dentre as múltiplas mídias suportadas pelo computador, que se apresentam para o usuário, ligadas por *links* que transportam o leitor a outras páginas e outras mídias, o que confere o caráter “hiper” ao texto.

A mídia tem se incumbido de colocar o tema leitura na berlinda. Nos últimos anos, a revista *Veja*, por exemplo, tem publicado matérias que, de um lado, apontam a leitura como um poderoso instrumento de que devemos nos servir, de outro lado, denunciam o povo brasileiro como uma sociedade iletrada. Em entrevista publicada no ano de 1999, intitulada *Ler é poder*, o ensaísta canadense, Alberto Manguel, explica por que a palavra escrita é a grande ferramenta para entender o mundo e defende a idéia de que a atual cultura de imagens é superficialíssima – prova disso é que o próprio Bill Gates propõe uma sociedade sem papel, mas, para desenvolver sua idéia, ele escreveu um livro. Em 2001, Harold Bloom, crítico literário, autor de *Uma história da leitura*, em entrevista intitulada *Leio, logo, existo*, defende a idéia de que se deve ler num mundo dominado pelas imagens. Ao comparar a leitura de um livro à leitura do mesmo texto na tela do computador, ele destaca, no livro, as qualidades de tangível e durável, em oposição à falta de realidade do computador. Apesar do tom otimista dessas duas entrevistas, há uma preocupação que vai além da defesa do importante papel que a leitura exerce. Hoje a maior preocupação concentra-se em um tipo de pessoa que, apesar de alfabetizada, não é letrada.

A alfabetização se concentra nos primeiros anos de escolaridade, mas não ocorre só aí. Se uma criança sabe ler, mas não é capaz de ler um livro, uma revista, um jornal, se sabe escrever palavras e frases, mas não é capaz de escrever uma carta, é alfabetizada, mas não é letrada. Conforme Soares (1998), o letramento é imprescindível para a inclusão dos indivíduos em nossa sociedade, pois, a cada momento, multiplicam-se as demandas por práticas de leitura e de escrita, não só na chamada

cultura do papel, mas também na nova cultura da tela, com os meios eletrônicos.

Os resultados do Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica (SAEB) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) de 2001, divulgados pela Folha de São Paulo (Cotidiano, 6/12/2001), revelam que:

Nos estados do Nordeste, por exemplo, a média dos alunos que completam a 4ª. série consegue apenas identificar informações explícitas em textos narrativos[...] mas tem dificuldade para interpretar um texto informativo(de uma revista) ou um poema infantil.

Apesar de, em todo o Brasil os estudantes da 4ª série estarem no nível 2 em português, o SAEB mostra que 22,2% estão no nível 1 o que significa que estão completando a 4ª série sem ter capacidade para interpretar textos simples.

Constata-se que os alunos foram alfabetizados, mas não estão letrados, pois apresentam dificuldades de ler os implícitos do texto, não conseguem extrair uma informação nova de uma informação dada, não são capazes de inferir, de perceber pressupostos ou de captar intenções do autor, por exemplo. Além disso, constatou-se dificuldade dos alunos em lidar com diferentes gêneros textuais¹.

Em 2003 foi feita uma pesquisa com uma amostra de exatamente mil pessoas entre 15 e 54 anos da cidade de São Paulo, escolhidas de forma a representar toda a população. Esse grupo foi

¹ Essa questão foi discutida por Magda Soares (2000) em entrevista publicada no Estado de Minas de 26/11/2000. Segundo a autora, provavelmente, esteja faltando

submetido a testes de leitura montados com textos do cotidiano, como anúncios de emprego e guias de depósito bancário. O resultado revela que um terço da população de São Paulo (32,9%) é analfabeta funcional. Esse conceito abarca tanto pessoas que nunca estudaram quanto aquelas que aprenderam a ler, escrever e fazer contas, mas não conseguem usar isso no dia-a-dia.²

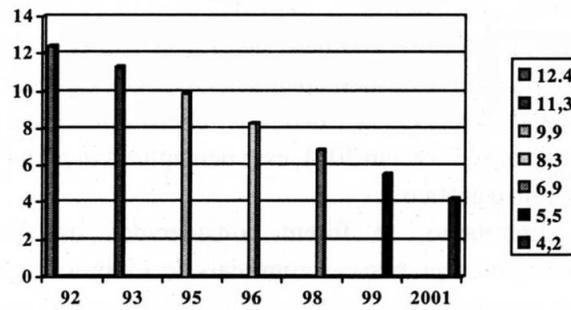
O relatório do SAEB de 2001 evidencia a importância da preparação do professor no papel de mediador de uma relação competente e prazerosa dos alunos com a leitura de textos verbais e não verbais. Da mesma forma, verificou-se que, quanto mais qualificado é o professor, melhor a nota média dos alunos. Além disso, constatou-se que o hábito de leitura e de fazer lição de casa interferem positivamente no desempenho do estudante.

Sabe-se que é relativamente recente o trabalho sistemático com leitura nas escolas. Apesar de o resultado do SAEB de 2001 não merecer aplausos, percebe-se um gradativo avanço em direção à universalização do letramento escolar, do acesso pleno às habilidades e práticas de leitura e escrita. Nos últimos dez anos já foram colhidos alguns resultados, conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2001 – publicada na *Folha de S. Paulo* em 22/9/2002. Segundo o Pnad, a taxa de analfabetismo no Brasil vem decrescendo. Conforme o gráfico 1, o índice de analfabetismo de crianças na faixa etária dos 10 aos 14 anos diminuiu de 12,4% em 1992 para 4,2 % em 2001.

critério na seleção dos gêneros textuais. Soares denuncia o equívoco de se trabalhar com letras de música por perderem grande parte de seu significado e valor se desvinculadas da melodia – “É difícil apreciar plenamente uma canção de Chico Buarque ou de Caetano Veloso lendo a letra da canção como se fosse um poema”, desligada da música, a letra perde seu verdadeiro sentido e expressividade. A adoção de critérios bem fundamentados para selecionar quais os gêneros devem ser trabalhados em sala de aula para a leitura (e para a produção de textos), afastará aspectos negativos que uma invasão excessiva e indiscriminada de gêneros têm.

² ROSSETTI, Fernando. da Reportagem Local – Folha de S. Paulo, *On Line*, 12 out. 2003.

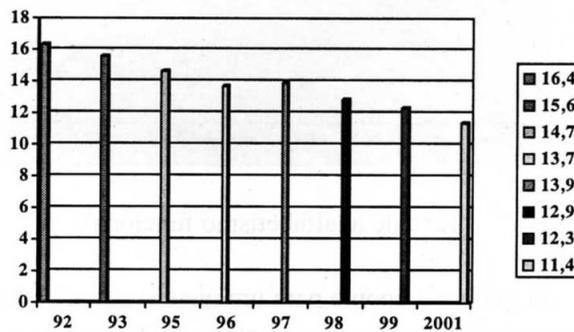
Gráfico 1



Analfabetismo: população entre 10 e 14 anos

O índice de analfabetismo da população brasileira acima de 10 anos, segundo dados do Pnad/2001, é bastante maior do que o apresentado no Gráfico 1. Considerados todos os brasileiros com idade superior a 10 anos, ou seja, que já deveriam ter completado a 4ª série do Ensino Fundamental, apesar de esse índice ser significativamente maior do que o dos analfabetos na faixa dos 10 aos 14 anos, também tem decrescido nos últimos anos, conforme o Gráfico 2.

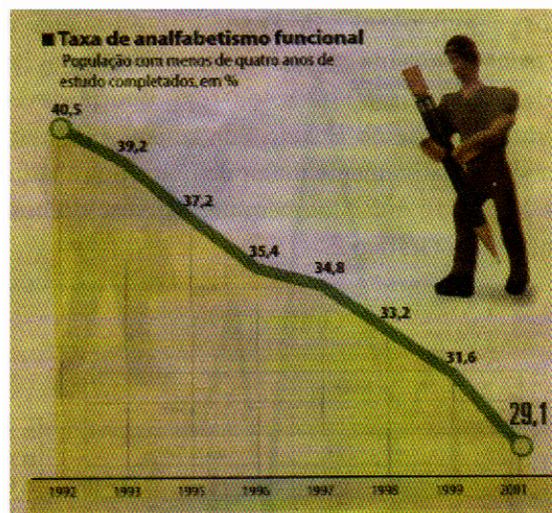
Gráfico 2



Índice de analfabetismo da população brasileira acima de 10 anos.

Em 1992, a taxa de analfabetismo no Brasil era de 16,4% e, em 1993, cai para 15,6%; em 1995, para 14,7%; em 1996, cai para 13,7%. Em 1997, esse percentual cresce um pouco e vai para 13,9% (o que serve de alerta para que essa possibilidade não seja descartada!). Em 1998, a taxa de analfabetismo cai para 12,9; em 1999, cai para 12,3 e, em 2001, esse percentual cai para 11,2%, de acordo com o gráfico 2.

Entretanto, se forem considerados os analfabetos funcionais, ou seja, pessoas com mais de 15 anos têm apenas 4 anos de escolaridade e dominam precariamente a escrita e a leitura, esse percentual aumenta consideravelmente, conforme o gráfico 3, a seguir:



Taxa de analfabetismo funcional

O gráfico 3 aponta para um quadro sobre o qual devem ser concentrados esforços no sentido de minimizar a falta de letramento de nossa sociedade. No Brasil, o índice de

analfabetismo funcional é de 29%, chegando a 47% na região Nordeste e 23% no Sudeste.

Em março de 2002, com base nos resultados do Pisa (*Program of International Students Assessment*) – sistema de testes de rendimento escolar dos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – Cláudio de Moura Castro afirma que *O Brasil lê mal*. Constatou-se que é baixo o nível de leitura dos alunos brasileiros, tanto das escolas públicas (justificadas pelos problemas que enfrentam para o seu funcionamento básico) quanto das escolas de elite (que não enfrentam problemas de infra-estrutura). O Pisa mostra que os nossos alunos conseguem decifrar o texto e ter uma idéia geral sobre o que o texto está dizendo, daí para frente, “empacam”. Essa incapacidade de uma leitura plena não se deve à pobreza, mas a um erro sistêmico. Estamos ensinando sistematicamente errado. Para corrigir esse erro, um dos primeiros passos é colocar em foco o texto impresso e as novas tecnologias como base para estimular a geração de inferências durante a leitura. Por isso, precisamos refletir sobre o novo formato de texto, as novas formas de acessá-lo, a criação de sentido e os percursos da leitura de textos e hipertextos.

2. Texto: novo formato e diferente contato

O texto escrito, que por um longo período foi privilégio das elites sociais, deixou de sê-lo com a invenção da imprensa que, ao substituir o sistema de xilografia, inaugura uma era que proporcionou inúmeros benefícios à humanidade, tornando o livro barato e a cultura ao alcance de todos. Na era da eletrônica, a analogia e a síntese passaram a ser exigidas em face do processo de produção, cujas preocupações estão centradas na recepção, valorizando-se o signo não-verbal, que ganha espaço nas eras da mecanização, da automação e da computação.

Nesse contexto, o texto e papel deixam de serem feitos um para o outro? Josias de Souza (1996) discute as implicações da era digital no uso da escrita.

Texto e papel. Parceiros de uma história de êxitos. Pareciam feitos um para o outro.[...] O texto mantinha com o papel uma relação de dependência. A perpetuação da escrita parecia condicionada à produção de celulose. Súbito a palavra descobriu um novo meio de propagação: o cristal líquido. Saem as árvores. Entram as nuvens de elétrons. A mudança conduz a veredas ainda inexploradas. De concreto há apenas a impressão de que, longe de enfraquecer, a ebulição digital tonifica a escrita. E isso é bom. Quando nos chega por um ouvido, a palavra costuma sair por outro. Vazando-nos os olhos, o texto inunda de imagens a alma.[...] O papel começa a experimentar o mesmo martírio imposto à pedra quando da descoberta do papiro. A era digital está revolucionando o uso do texto. Estamos virando uma página. Ou, por outra, estamos pressionando a tecla *enter*.

Na era das novas tecnologias, surge o hipertexto e uma nova filosofia de organização da informação e do conhecimento. A informação está em uma tela de computador. Diferentemente do texto em um livro, “o leitor pode atravessar ligações computadorizadas para chegar, quase instantaneamente, a outras partes do texto. Esse é alinhavado com ligações projetadas para que o leitor possa, de forma útil, pular de um ponto para outro do

texto” (Martin, 1992: 4)³. O computador sobrepõe diversas mídias (televisão, livro, rádio, telefone, fax, vídeo, gravador, cinema) em um sincretismo de formas e linguagens (verbais, icônicas), sem se reduzir a nenhuma delas. A intenção dos mentores desse formato de texto, em particular, Bush (1945)⁴ e Ted Nelson (1965)⁵, pautava-se em criar um dispositivo prático e funcional, um mecanismo inspirado no processo particular que fundamenta o exercício da inteligência. Buscou-se um sistema que permitisse acesso completo a uma infinita quantidade de texto.

Ao contrário do texto impresso que tem corpo, que pode ser sentido, cheirado e tocado, o hipertexto, por ser eletrônico, é virtual, localiza-se no espaço, em algum lugar entre as imagens do monitor, a memória do computador, o disco rígido, os disquetes, os cds, impulsos eletrônicos das linhas telefônicas. Apesar de serem reconhecidas as vantagens dos suportes textuais de multimídia como, por exemplo, o CDRom, que, conforme aponta Leffa (2001: 125)⁶:

... é uma mídia voraz, capaz de compactar numa superfície de 12 cm de diâmetro, mais de 60.000 páginas típicas de texto acadêmico, incluindo fotos, gráficos e tabelas. O gigantismo inerente da mídia

³ MARTIN, J. *Hiperdocumentos e como criá-los*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

⁴ Vannevar Bush anunciou em *As we may think*, publicado na revista *Atlantic Monthly* em 1945, idéias sobre uma nova articulação da informação, ao se dar conta de que o número de publicações existentes já ia muito além da capacidade de os investigadores fazerem uso delas.

⁵ Theodor Holm Nelson (Ted Nelson), “discípulo” de Bush, criou o termo hipertexto para uma escrita/leitura não-sequencial, não linear. Em 1978, pôde sintetizar a sua visão do que seria o hipertexto em um projeto experimental em que interconectava vários computadores numa rede de informações (Projeto Xanadu) que foi submetido a constantes desenvolvimentos e exerceu grande influência na concepção dos sistemas hipertextuais da *world wide web*.

⁶ LEFFA, Wilson. O texto em suporte eletrônico. *D.E.L.T.A.* São Paulo: Educ, v.17, p.121-136, 2001.

eletrônica assume proporções de portento quando se compara, por exemplo, o suporte eletrônico com o suporte em papel: o que cabe num CD ocupa o equivalente a 300 livros de 200 páginas,

inúmeros são os defensores do livro impresso porque é tem corpo, tem limites físicos, pode ser sentido, cheirado e tocado. O livro permite ao leitor transportar um texto para qualquer lugar sem esforço, folheá-lo e anotar às margens, conforme defende Manguel (1999)⁷:

as palavras no papel são tangíveis, você quase pode tocar a tinta, e têm uma durabilidade incrível. [...] No computador, o texto não tem uma realidade sólida, além de ser extremamente frágil - se você der um comando errado, adeus texto. Quando falamos de livro nosso vocabulário é gastronômico: 'Devoramos um livro' ou 'Saboreamos um texto'. Já em relação ao computador, usamos palavras que têm a ver com superfície, como 'sufar na *internet*', ou 'escanear um texto'. É impossível interiorizar o texto que aparece em uma tela luminosa.

Apesar da existência de um confronto de preferências relativo ao suporte textual, a realidade irrefutável é a de que não é mais possível ignorar-se a presença do hipertexto como nova forma de linguagem que veicula contato comunicativo entre leitores. Especulações sobre o destino da cultura de papel na era da

⁷ Em entrevista à jornalista Tania Menai publicada na revista *Veja* de 7 de julho de 1999.

informática pecam por considerar que os livros são objetos humanos que se opõem ao computador, artificial e frio. Conforme afirma Wandelli (2003)⁸, no imaginário popular, “apaga-se o fato de que livros de papel são eles próprios invenções tecnológicas. Um esquecimento, explicável: se considerarmos o pergaminho como protótipo do livro moderno, já se foram mais de 20 séculos.” Importa-nos aqui analisar como se dá a interação entre o leitor e o texto (impresso e digitalizado).

3. Hipertexto: abordagem e criação de sentidos

Frutos da cultura digital, os hipertextos, com suas interfaces e processos interativos, são sistemas gerenciadores de informação formados por uma rede composta de textos escritos e mídias (como som, imagem, desenho, animação), conectados através de ligações (*links*). Por um lado, o hipertexto permite novas formas de *design* e produção de estruturas informacionais que permitem ao leitor uma navegação dinâmica pela informação disponível. Por outro lado, o sistema hipertextual faz emergir indagações relativas à fragmentação dos discursos, ao imbricamento entre “leitor” e “autor”, à crise das meta-narrativas, conforme apontam Correia e Andrade (1997)⁹.

Com os hipermídia, institui-se uma nova forma de produzir, armazenar e consumir a informação. O homem, sujeito praticante de leitura, decifra, compreende, interpreta, avalia o signo. O leitor lê, simultaneamente, palavras, formas, cores, sons, volumes, texturas, gestos, movimentos, aromas, atitudes, fatos. Este sujeito interage com diversas formas de linguagem, através da sua leitura do mundo. O conceito de leitura inclui uma concepção que insere

⁸ WANDELLI, Raquel. *Entre pergaminhos humanos e bits eletrônicos: o livro na era do computador*. Disponível em <http://www.escriitoriodolivro.org.br/>. Acessado em 27 mai.2003.

⁹ Disponível em <http://www.facom.ufba.br/hipertexto/indice.html>
Acessado em outubro 2002.

a percepção de mundo, tão cara a Paulo Freire, e de todas as formas de sentido. Afinal, quando lemos, não estamos jogando unicamente com aquilo que é expresso explicitamente, mas também com um mundo de informação implícita, não expressa claramente no texto, mas totalmente imprescindível para se poder compor o significado (Fulgêncio e Liberato, 1998)¹⁰. Esse conceito amplo de leitura, fundado em uma concepção também ampliada de texto, vem sendo divulgado por diversos teóricos e estudiosos no Brasil.

O sentido da leitura de textos e hipertextos está instalado no modo de ler, no modo de pensar, no modo de ver o mundo de cada leitor. Além das habilidades inerentes ao processo de ler o texto impresso, acrescenta-se, ainda, a necessidade de o leitor desenvolver capacidades específicas para a leitura de documentos hipertextuais.

Num primeiro momento, a sensação causada pelo texto organizado em rede pode ser a desorientação e a falta de domínio sobre o texto porque o sistema hipertextual caracteriza-se pela fragmentação e descentralização do texto, pela ausência de limites, pela velocidade de circulação, pela livre associação. Num segundo momento, é desejável que o leitor exerça domínio sobre o texto para poder se apropriar dele de forma profunda e produtiva. Se o leitor não romper a barreira do meio hipertextual, certamente ele não usufruirá desse segundo momento. Por isso, é preciso analisar a interação do leitor com a interface gráfica do hipertexto.

4. Os percursos dos leitores de textos e hipertextos

No universo dos hipertextos, há transformação do não-lingüístico em leitura (que nem sempre é tradução de sensação em palavras, muitas vezes, é sinestesia, forma vivida de

¹⁰ FULGÊNCIO, Iara e LIBERATO, Yara. Como facilitar a leitura. São Paulo: Contexto, 1998.

linguagem). Tomada em seu sentido restrito, a linguagem compreende apenas o texto verbal (oral ou escrito) e, nesse universo, há igualmente possibilidade de leitura que pode ir além da empostação de voz ou da página impressa. Havendo reação do sujeito a quem se emitiu o texto, há interação com a linguagem, já que a leitura não se restringe à decifração de sinais, que é apenas um momento de um longo caminho a ser percorrido pelo leitor. É certo que há decodificação, porém, a esta precede o momento da percepção da existência do texto pelo sujeito que, por sua vez, abre sua consciência para o mesmo. Entretanto, nenhum significado (So) é assegurado de imediato ao projetar-se sobre um significante (Se), como afirma Mari (1992)¹¹:

“atrás de um Se necessariamente não habita um So, pronto para ser decifrado. O Se, portanto, não é garantia de nenhum So, mas é claro que as regras desse jogo não são arbitradas pelo usuário: a relação Se/ So, na sua origem, insere-se numa gama de escolhas possíveis estrutural e socialmente.”

O texto, unidade complexa de significação, instaura um espaço de interlocução no qual intervêm elementos contextuais e intertextuais, uma vez que é resultado de absorções e transformações de outros textos. A leitura, produção tão ativa quanto a produção textual, acontece ao dar ao texto nova vida, ao desencadear um processo criativo de compreensão e interpretação em face do mundo exterior percebido e do mundo subjetivo de cada leitor.

¹¹ MARI, Hugo. Discutindo a leitura. Apud ALMEIDA, Laura B.F. (org.). A leitura em discussão. 1ª parte. *Cadernos de Pesquisa*, Belo Horizonte: NAPq da Fale/UFMG, n. 5, maio 1992.

¹² Landow, G. Hypertext. *The Convergence of Contemporary Critical theory and Technology*. John Hopkins Press, Baltimore London, 1992.

Segundo Landow (1992)², o hipertexto põe em cheque seqüências fixadas, começo e fim definidos e a concepção de unidade e todo associada a esses conceitos. Na narrativa hipertextual, o autor oferece múltiplas possibilidades através das quais os próprios leitores constroem sucessões temporais, realizando saltos com base em informações referenciais. Mas, não basta oferecer um universo de possibilidades, se o leitor não se interessar pelo texto, já que este não preexiste à leitura.

De um lado, o texto é fonte de sentido, oferecida pelo autor, que forma, transforma e reforma o leitor. Sujeito à sua leitura, o leitor desenvolve cognitiva, afetiva e socialmente. De outro lado, o texto só se torna sentido na interação com o leitor – com seus conhecimentos individuais que foram adquiridos em um ambiente social e que afetam decisivamente a compreensão. Face a qualquer situação concreta de leitura, o leitor reage. Em geral, ele sente atração, indiferença ou repulsa, devido ao seu interesse naquele momento.

O processo de leitura, independentemente da fonte textual, envolve o conhecimento prévio, o conhecimento textual e a ativação da memória para geração de inferências.

Diante, por exemplo, da figura 1, a tendência do leitor é sentir que há algo de “errado”, já que está acostumado com determinados rótulos e embalagens.



Figura 1

Fonte: Folha de S. Paulo, Especial 11, *Top of Mind*, 7 abr.2000

O que se vê nessa figura é uma garrafa de Omo e uma caixa de Coca-Cola, mas o conhecimento prévio precede a leitura e o estranhamento acontece quando o formato da garrafa de refrigerante, as cores específicas da caixa e os rótulos remetem à identificação das marcas Coca-cola e Omo invertidas nas embalagens.

O leitor toma decisões provisórias a serem firmadas, rejeitadas ou aprimoradas à medida que as informações parciais são processadas. Assim, a leitura toma seu curso de seleção, não se faz linearmente, se dá com avanço para predições, recuos para correções, progride em pequenos blocos ou fatias e não produz compreensões definitivas.

O leitor não é um consumidor passivo que apenas sofre influência do meio; ele atua sobre o meio, embora essa atuação seja precedida de um consenso social. Segundo Neitzel et al. (2001)¹³:

Toda vez que projetamos sobre um determinado objeto uma intenção e fazemos com que ele seja reconhecido por seu potencial de atualização, estamos vivendo um processo de virtualização. Por exemplo, construímos nossa história atribuindo, diariamente, valores a determinados objetos, como a moeda corrente, as obras de arte, ou a imóveis em geral.

Há um “mercado” social que atua fortemente sobre as escolhas, o processo seletivo e sobre a atribuição de valores. O que se está dizendo é que o mecanismo da leitura de um hipertexto é associativo por meio de nós e de ligações e que o meio social,

¹³Disponível <http://www.geocities.com/Athens/Sparta> acessado em outubro de 2002.

a bagagem sociocultural do leitor pode interferir nessa associação. O ponto de chegada pode não ser o mesmo do texto de partida, isto é, pode não coincidir com o do texto que o leitor começou a ler. Como avaliar a compreensão dessa leitura? Ao que parece a leitura do hipertexto está mais de acordo com o que de fato acontece na mente do leitor (quando, ainda que diante de um único texto impresso, o leitor ativa seus esquemas para desvendar um código específico - demonstrando ter sido alfabetizado, desvenda o que está por trás das palavras, lê as entrelinhas, infere - demonstrando seu grau de letramento).

O papel desempenhado pelo leitor ainda está fortemente marcado pela herança da escola. Infelizmente, apesar de tantas possibilidades de interação, o processo de alfabetização – ainda que bem sucedido – tem levado ao reconhecimento de que leitor é aquele que é capaz de ler textos escritos e, assim fazendo, pode, ao menos, demonstrar uma compreensão superficial. Não há dúvida de que é a leitura parafrásica, o modelo incentivado pela sociedade como um todo, que valoriza a leitura denotativa, singular, com o objetivo de modelar e padronizar o grupo. Até que ponto o leitor tem sido levado a reproduzir as leituras preestabelecidas pelo social? Em que medida ele recusa mergulhar no texto porque isso não lhe é exigido e, muito menos, aplaudido na prática? Por que não estimular a geração de inferências durante a leitura de textos e hipertextos para se promover o letramento?

O processo de letramento favorece a leitura inferencial necessária para gerar compreensões plausíveis de textos tanto impressos quanto digitalizados. Cria a possibilidade para que qualquer aprendiz, diante de um hipertexto, siga livremente trilhas de acordo com as suas necessidades reais (que também são sociais). Só se for capaz de inferir informações de um texto impresso e organizar seus esquemas cognitivos, marcadamente sociais, ele poderá navegar no texto eletrônico reconhecendo que em ambos os textos, o valor da informação não está

simplesmente nos dados, mas na contextualização desses dados, oportunidade de o leitor criar seu próprio significado e de seguir desenvolvendo o processo de autoria.

Para o Brasil ser uma nação letrada, precisamos investir na qualidade da leitura dos nossos alunos, tanto a partir de textos quanto de hipertextos. Sabemos que os nossos alunos conseguem decifrar o texto e ter uma idéia geral sobre o que o texto está dizendo, precisamos exigir mais inferências dos nossos leitores e respeitar a diversidade de leituras possíveis compreendendo a origem das diferentes interpretações. Se “estamos ensinando sistematicamente errado”, precisamos mudar o percurso e tirar lições de resultados de avaliações (como as do Pisa e do Saeb) e de significativas pesquisas universitárias contemporâneas. Certamente, investindo na competência em leitura de nossa gente estaremos criando condições e permitindo ao nosso povo atingir outro patamar de desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA

BUSH, V. *As We May Think*, The Atlantic Monthly, Jul.1945.Disponível <http://www.isg.sfu.ca/~duchier/misc/vbush> preparada por Denys Duchier, abril/1994.

CHARTIER, R. *A Aventura do Livro*. Do Leitor ao Navegador (trad. Réginaldo de Moraes) São Paulo: UNESP, 1999.

DELL'ISOLA, Regina L.P. Ensino @ distância: aprendendo a aprender. In: Coscarelli, Carla Vianna (org.) *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 133-140.

DELL'ISOLA, Regina L.P. A interação sujeito-linguagem em leitura. In. MAGALHÃES, I. *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília:UnB, 1996. p. 69-75.

- DELL'ISOLA, Regina L.P. *Leitura: inferências e contexto sócio-cultural*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- DIAS, J. Hipertexto: navegação e interface gráfica. *Educação & Tecnologia*. Belo Horizonte, v.5, n.2, p.76-81, jul-dez.2000.
- FULGÊNCIO, Iara e LIBERATO, Yara. *Como facilitar a leitura*. São Paulo: Contexto, 1998.
- LANDOW, G. *Hypertext. The Convergence of Contemporary Critical theory and Technology*; The John Hopkins University Press, Baltimore and London, 1992.
- LEFFA, Wilson. O texto em suporte eletrônico. *D.E.L.T.A.* São Paulo: Educ, v.17, p.121-136, Especial, 2001.
- LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LÉVY, P. *Hyperscène*; In: *Les Cahiers de Médiologie*, 1, La Querelle du Spectacle. Paris: Gallimard, 1996.
- MARCUSCHI, L.A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem e ensino*. V.4, n.1. p.79-111, 2001.
- MARI, Hugo. Discutindo a leitura. Apud ALMEIDA, Laura B.F. (org.). *A leitura em discussão. 1ª parte. Cadernos de Pesquisa*, Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Fale/UFMG, n. 5, maio 1992.
- MARTIN, J. *Hiperdocumentos e como criá-los*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- NEITZEL, Adair de Aguiar. *Cortázar e o jogo das construções hipertextuais*. Publicado em maio de 2002
- NELSON, T. *A File Structure for the Complex, the Changing and the Indeterminate*, proceedings of the ACM 20th national conference 1965.
- NELSON, T. *Literary Machine*. Mindful Press: Sausalito, Califórnia, 1993.
- SANTOS, A. Por uma teoria do hipertexto literário. Disponível <http://www.cce.ufsc.br/~alckmar/hiper.html.#hipertexto>

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Josias de . A revolução digital. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 6 mai 1996. Caderno Brasil.p.2.

WANDELLI, Raquel. *Entre pergaminhos humanos e bits eletrônicos: o livro na era do computador*. Disponível em <http://www.escriitoriodolivro.org.br>.